

MARTIN HEIDEGGER (1889-1976)



O rigor de qualquer ciência não pode igualar a seriedade da metafísica e a filosofia não passa da colocação em movimento da metafísica

Filósofo alemão. Assistente de Husserl em Friburgo. Professor em Marburgo de 1923 a 1928. Reitor de Friburgo com o nazismo. Afastado em 1945.

Heidegger propõe, assim, um pensamento meditativo, que está mais próximo do pensamento poético que do pensamento conceitual, opondo-se àquilo que considera serem as três grandes tradições do pensamento político. Em primeiro lugar, contra a concepção clássica para quem a ordem política é um microcosmos da ordem natural, considerando que o homem faz parte da natureza e pode aceder a uma compreensão racional da mesma.

Em segundo lugar, contra a concepção contratualista, que vê o homem contra a natureza, pelo que tem de agrupar-se para resistir colectivamente à pressão da necessidade natural.

Em terceiro lugar, contra a concepção hegeliano-marxista que tenta conciliar a natureza e o homem.

É que todas estas filosofias assentam nos mesmos postulados metafísicos: a concepção do homem como sujeito, afrontando um mundo objecto; uma concepção dicotómica do *Ser*, que vem de Platão e culmina tanto no racionalismo e empirismo, como no idealismo alemão, que consideram o objecto como produto da actividade do sujeito.

Assim, refere que a essência humana não é um domínio objectivo, revestindo propriedades constituintes de um objecto, mas um *desvelamento (aleteia)*, uma maneira particular do *Ser* abrir-se ao *ser*. Neste sentido, considera que *a ciência moderna e o Estado totalitário são ao mesmo tempo consequências do desdobramento essencial da técnica*, que pretende uma espécie de submissão espiritual do real, pelo que o homem moderno é um *animal de trabalho*, dado que a técnica lhe exige que desenvolva o máximo da sua força de trabalho para assegurar à mesma técnica o máximo do seu poder para a dominação universal do real.

Vivemos, assim, uma *antropo-logia*, isto é, a instalação cada vez mais soberana do homem como *subjectum*. Uma *antropo-logia teórica* que leva o racionalismo a *ontologicizar*, a considerar que *nihil est sine ratio*, e que culmina na afirmação hegeliana da identidade do racional e do real. É esta a razão pré-totalitária; este totalitarismo como a verdade da tecnocracia ou dirigismo.

- *Sein und Zeit*, 1927.. Cfr. trad. cast. *El Ser y el Tiempo*, Mexico, Fondo de Cultura Economica, 1960; trad. fr. *L'Être et le Temps*, Paris, Éditions Gallimard, 1972.
- *Vorträge und Aufsätze*, 1954.. Cfr. trad. fr. *Essais et Conférences*, 2 vols, Paris, Éditions Gallimard, 1975-1976.
- *Carta sobre o Humanismo*, Lisboa, Guimarães, 1998.

➤ 1927 *Sein und Zeit*

- ☐ Fraga, Gustavo, *De Husserl a Heidegger*, 1966; Palmer, Jean-Michel, *Les Écrits Politiques de Heidegger*, Lausanne, L'Herne, 1968; Ward, James F., *Heidegger's Political Thinking*, Amherst, University of Massachusetts Press, 1995; Wolin, Richard, ed., *The Heidegger Controversy. A Critical Reader*, Cambridge Massachusetts, MIT Press, 1993.
- ☐ Maltez (ESPE, 1991), I, pp. 219 segs; Pires, Celestino, «Heidegger», in *Logos*, 2, cols. 1055-1061; Strauss/Cropsey (1987), p. 888.